



MULHERES E GÊNERO NA UNIVERSIDADE: desigualdades e desafios na ciência

Neuzeli de Maria de Almeida Pinto (UEMA)¹

Anna Sarah Alhadeff Sampaio Mateus (UEMA)²

Rayllanne Rebecca Pereira Filgueiras (UEMA)³

Resumo

Este estudo analisa a estruturação e reprodução das relações de gênero nos cursos de graduação e pós-graduação da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), com foco nas mudanças nas relações patriarcais e na presença de homens e mulheres na academia. A pesquisa, de abordagem qualitativa e quantitativa, utilizou análise bibliográfica, documental e entrevistas semiestruturadas com coordenadores(as) de núcleos e grupos de pesquisa voltados à temática de gênero. O objetivo foi compreender como essas iniciativas contribuem para uma educação mais inclusiva e equitativa. Fundamentado em autoras clássicas e estudos contemporâneos sobre gênero, o trabalho busca compreender as desigualdades históricas e atuais entre homens e mulheres nos espaços acadêmicos. Os resultados indicam que, apesar da presença feminina em todos os cursos, ainda persistem desigualdades baseadas no sistema patriarcal. No entanto, os núcleos de pesquisa têm desempenhado papel relevante na desconstrução de estereótipos e promoção da equidade de gênero na universidade.

Palavras-chave: Gênero. Mulher. Universidade. Desigualdades. Interseccionalidade.

Abstract

This study analyzes the structuring and reproduction of gender relations in undergraduate and graduate courses at the State University of Maranhão (UEMA), focusing on changes in patriarchal relations and the presence of men and women in academia. The research, which used a qualitative and quantitative approach, used bibliographic and documentary analysis and semi-structured interviews with coordinators of research centers and groups focused on gender issues. The objective was to understand how these initiatives contribute to a more inclusive and equitable education. Based on classical authors and contemporary studies on gender, the work seeks to understand the historical and current inequalities between men and women in academic spaces. The results indicate that, despite the presence of women in all courses, inequalities based on the patriarchal system still persist. However, research

¹ Doutora em Psicologia, Teoria e Pesquisa do Comportamento. Atualmente é Professora Associada I da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, Departamento de Ciências Sociais/DCS, Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa de Gênero, Sexualidade e Família NEGESF/UEMA.

² Graduanda em Pedagogia Licenciatura (UEMA). Atualmente é bolsista pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC).

³ Graduanda em Pedagogia Licenciatura (UEMA). Atualmente é extensionista pelo Núcleo de Estudos e Pesquisa de Gênero; Sexualidade e Família NEGESF/UEMA.



centers have played an important role in deconstructing stereotypes and promoting gender equity in universities.

Keywords: Gender. Women. University. Inequalities. Intersectionality

1 INTRODUÇÃO

As desigualdades de gênero são reflexos de fatores históricos, sociais e culturais que se reverberam ainda na contemporaneidade do século XXI. Embora o movimento feminista tenha realizado inúmeras conquistas históricas, as desigualdades relacionadas as figuras femininas ainda são persistentes, que vão desde a vida cotidiana, ingresso na Universidade até a sua inserção no mercado de trabalho. Esses fatos evidenciam os obstáculos e discriminações que as mulheres sofrem apenas por serem mulheres, e que “De um lado, elas se encontram sob o julgo da dominação masculina. De outro, o sistema capitalista, impregnado pela ideologia patriarcal de gênero [...]” que comete uma exploração em massa com o sexo feminino” (Costa; Silveira, 2012, p. 1). Este trabalho possui como objetivo central analisar a presença de homens e mulheres nos cursos de graduação da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e os impactos das desigualdades de gênero na ciência. Bem como refletir sobre o papel e impactos dos Grupos e Núcleos de pesquisas com recorte de gênero na UEMA, para o desenvolvimento da temática e pesquisas na área de gênero e consequências para a desconstrução das relações de gênero. Trata-se de uma pesquisa mista, com abordagem qualitativa e quantitativa. Utilizaram-se dados secundários de documentos oficiais da UEMA e entrevistas com coordenadores/as de núcleos de pesquisa em gênero. Os instrumentos metodológicos incluíram diário de campo, entrevistas semiestruturadas e formulário sociodemográfico aplicado a discentes.

2 O SISTEMA PATRIARCAL E AS DESIGUALDADES NAS RELAÇÕES DE GÊNERO

De acordo com Scott (1995, p. 72)” o sistema patriarcal encontra-se no modelo de dominação formado por um conjunto de configurações bem peculiares”.

PROMOÇÃO



APOIO





Esse sistema, consoante Ferreira e Pinto (2021), alimenta-se do domínio masculino no espaço familiar (dimensão privada) e da lógica organizacional dos órgãos políticos (dimensão pública), consolidando de forma ampla as relações de subjugação, violações e discriminações sofridas pelas mulheres tanto no espaço público quanto no privado. Em síntese, a discussão promovida por Saffioti (2015) reforça que o patriarcado deve ser compreendido como sistema baseado em relações de gênero muito particulares.

Toda a construção social das relações de gênero foi construída baseado em princípios de hierarquia, fato que culmina na sobreposição e desigualdades. Silva e Colares (2024, p. 75) ressaltam que a desigualdade de gênero é um fenômeno histórico, que tem a sua gênese desde a chegada dos portugueses no Período Colonial (1500-1822) ao território brasileiro. Durante o período da colonização, a figura feminina tratada e retratada mais como um objeto do que como um ser humano. Contudo, os estudos de Gênero surgiram com os objetivos de compreender além do biológico, porque engloba as questões mais diversas e os debates mais complexos possíveis.

De acordo com Silva (2000) os estudos sobre as relações de gênero no Brasil deram início na década de 1980, quando diversos movimentos sociais se mobilizavam para melhorias na educação, construção de creches, custo de vida e de certa forma por uma abertura política. Contudo na década de 1960 as mulheres já demonstravam insatisfações com as disparidades entre os gêneros.

Desse modo, vale salientar que o sistema do patriarcado é um dos maiores responsáveis pela manutenção e sustentação da dominação masculina. Visto que se mantém por meio das instituições familiares, educacionais, religiosas e nos documentos normativos que regem as leis. Consiste nas ideologias que pregam que a figura da mulher é naturalmente inferior (Lerner, 2019, p. 25). Devido ao sistema patriarcal que foi estabelecido que o serviço doméstico deveria apenas ser realizado pelas mulheres e que não deveriam receber qualquer remuneração e de forma alguma poderia ser reconhecido como um trabalho. Esse sistema é baseado em uma estrutura

PROMOÇÃO



APOIO





hierárquica que se baseia em inúmeras desigualdades e determina a supremacia dos homens sob as mulheres, as excluindo dos campos políticos, culturais, econômicos e lugares de destaque.

3 AS RELAÇÕES DE GÊNERO E A UNIVERSIDADE: AVANÇOS E DESAFIOS

A inserção da mulher na universidade e no mercado de trabalho ainda é um grande desafio social. Mesmo que o poder do patriarcado esteja reduzido, ainda é perceptível que há uma hierarquia social entre os homens e as mulheres, dessa forma, a desigualdade entre os gêneros ganha cada vez mais força, que é reforçada pelo sistema econômico capitalista que alimenta os ideais do patriarcado que “[...] reforça o sistema de opressão que subjuga as mulheres” (Costa; Silveira, 2012, p.1).

Segundo Alves e Pitanguy (2003), o trabalho da mulher foi marcado por remunerações baixas e desvalorização em detrimento do trabalho masculino. Mesmo diante disso, os postos de trabalho exigiam dos trabalhadores em geral qualificações, e essa é uma das causas, além do fator das lutas políticas, das mulheres conseguirem adentrar a universidade, o que representou um avanço significativo para elas. No Brasil, como explana Feclesc (2010), o ingresso feminino no ensino superior começou no final do século XIX.

Na Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, objeto desta pesquisa, no ano de 2024, as mulheres representam a maioria nos cursos de graduação. Conforme dados da Pró-Reitoria de Graduação, a UEMA conta com 60% de discentes matriculadas na graduação, 46,31% na pós-graduação, 48,96% docentes, 66,55% de funcionárias em cargos de comissão e 66,67% em cargos de Pró-reitoras e superintendências (UEMA, 2024a). No que concerne à pós-graduação, no respectivo ano, a instituição conta com 18 mestrados, 7 doutorados e 16 especializações (UEMA, 2024b, 2024c).

Desde então, a inserção das mulheres no ensino superior só vem se expandindo no contexto brasileiro atual. No caso do estado do Maranhão, o levantamento realizado na UEMA demonstra um aumento expressivo das mulheres

PROMOÇÃO



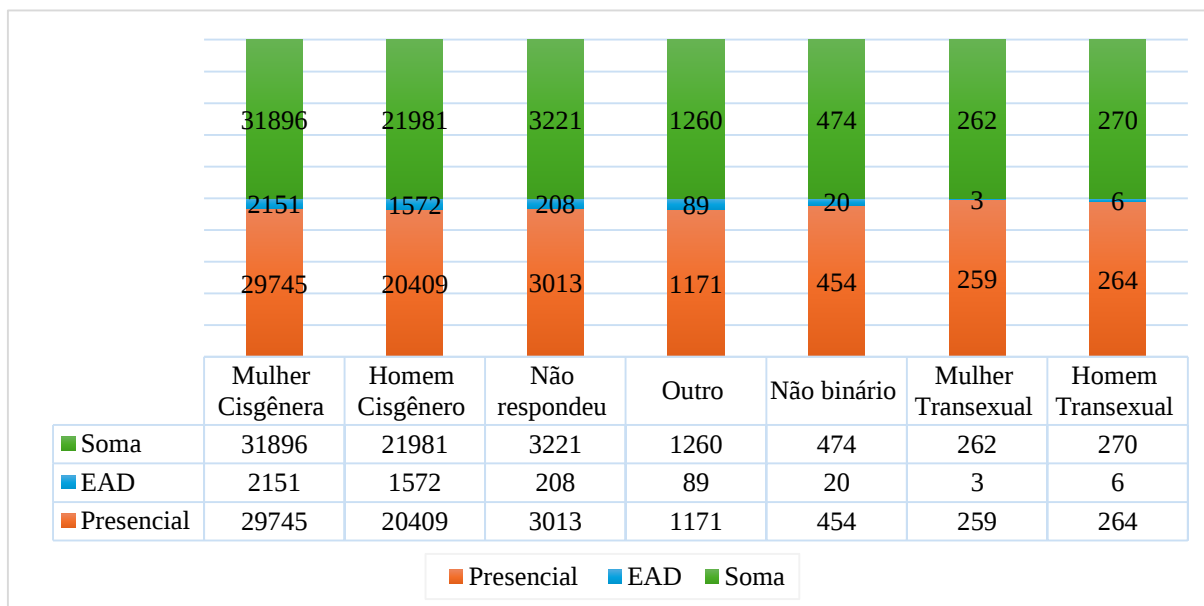
APOIO





nesse nível educacional. O gráfico, a seguir, trata e detalha essas informações.

Gráfico 1 – Perfil dos estudantes de graduação da UEMA



Fonte: Elaborado a partir de UEMA (2024b).

A Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) apresenta um perfil diversificado de estudantes de graduação, com predominância de mulheres cisgêneras, que totalizam 31.896 alunas, sendo 29.745 no ensino presencial e 2.151 no EAD. Os homens cisgêneros somam 21.981 estudantes, dos quais 20.409 estão no presencial e 1.572 no EAD. Há também 3.221 estudantes que não responderam sobre a identidade de gênero, sendo 3.013 no presencial e 208 no EAD. O grupo identificado como "outro" reúne 1.260 estudantes, com 1.171 no presencial e 89 no EAD. Estudantes que se autodeclaram não binários somam 474, dos quais 454 estão no ensino presencial e 20 no EAD. Além disso, a UEMA conta com 262 mulheres transexuais (259 presenciais e 3 no EAD) e 270 homens transexuais (264 presenciais e 6 no EAD). Esses dados evidenciam a diversidade de gênero existente na universidade e reforçam a necessidade de ambientes acadêmicos cada vez mais inclusivos e acolhedores. (UEMA, 2024b).

No entanto, a Universidade ainda possui uma estrutura patriarcal, quando



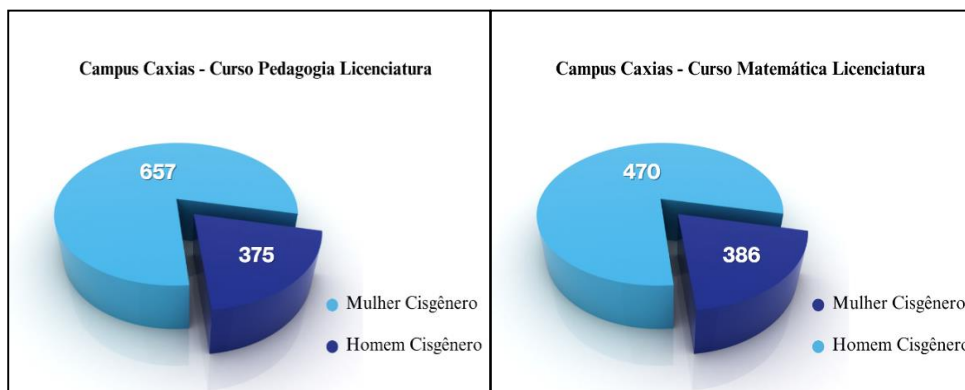
se observa que as mulheres ainda ocupam os lugares de menos prestígio e nos cursos de historicamente frequentados por homens. Destaca-se que por um longo período as mulheres passaram por um contexto de grande exclusão social e eram limitadas somente aos serviços do lar. Porém com os avanços conquistados pelo movimento feminista, passaram a adentrar espaços, antes, jamais imaginados, como por exemplo a Universidade.

Considerando esse cenário, é evidente que há uma divisão sexual do trabalho, como também nas esferas de prestígio, o que reflete fortemente na sociedade e como ela se estrutura (Hirata; Kergoat, 2007, p. 603). Cabe destacar que esta divisão sexual é decorrente da estrutura do patriarcado e da reverberação da disparidade de gênero no mercado de trabalho, pois a figura da mulher ainda continua ocupando cargos e posição inferiores quando comparadas aos homens “[...] espaços subalternizados e com certo desprestígio social, no trabalho informal e em atividades doméstica” (Silva e Colares, 2024, p. 83). Portanto, no contexto da Universidade ainda é possível observar que há uma predominância de homens em determinadas áreas específicas e as mulheres sendo uma minoria. Isso é resultado de uma série de fatores que influenciam as mulheres no momento em que vão decidir qual profissão devem seguir. A constante repetição de determinados comportamentos voltados para as funções dos sexos, reforça ainda mais essa divisão que foi estabelecida entre o homem e a mulher.

Para exemplificar a predominância masculina em algumas áreas do conhecimento, foram selecionados dois cursos de áreas distintas (Exatas e Humanas) do Campus de Caxias, sendo eles: Matemática Licenciatura e Pedagogia Licenciatura, a fim de compreender como o quantitativo pode refletir as marcas de uma sociedade patriarcal e que determinou ao longo dos anos como os sexos deveriam se portar. Sendo assim, ficou evidente que o patriarcado influencia não somente a sociedade, mas como também adentra o universo da academia, influenciando assim na escolha da profissão:



**Gráfico 2 – Presença masculina e feminina nos cursos de Pedagogia
Licenciatura e Matemática Licenciatura**



Fonte: Elaborado pelas autoras, (UEMAa), 2025.

Visto isso, a escolha da profissão sofre com diversas influências externas, sejam elas culturais, sociais, econômicas, gênero, sexo e raça. Ainda convém lembrar que na infância os indivíduos são condicionados a realizarem atividades que condizem com o seu sexo de acordo com a cultura local. Dessa maneira, a repetição de certos comportamentos “[...] em função do sexo, em casa, na escola, na mídia e no trabalho, atua como um importante transmissor da informação sobre o papel relacionado ao significado de ser homem ou mulher em diferentes culturas” e esses aspectos geram estereótipos que influenciam fortemente nas questões sociais e cognitivas que se relacionam a construção dos interesses acerca da escolha da profissão (Leal et al, 2020, p. 249).

As implicações dessa divisão, impregnada da lógica patriarcal e capitalista, recaem nos espaços educacionais, provocando estereótipos de gênero e a desvalorização das mulheres na educação, especialmente no ensino superior. Em virtude disso, o traço da estrutura patriarcal ainda é bem atenuante na sociedade, uma vez que ele demarca e internaliza nas mulheres, por meio do processo de sociabilização cultural, determinadas profissões relacionadas ao cuidado. (Gomes, 2023; Hirata; Kergoat, 2007). Por consequência as mulheres na grande maioria



escolhem por cursos de graduação que estão relacionados as definições de gênero internalizadas.

Em suma, esses resultados representam um avanço para as mulheres, visto que anteriormente elas eram excluídas das atividades acadêmicas. Durante um longo período a universidade foi um campo designado exclusivamente para homens, assim como “em nome da ciência moderna, disciplinas foram utilizadas para justificar a exclusão das mulheres desses espaços de poder, construção de saberes e inovações tecnológicas” (Almeida; Zanello, 2021, p. 17 apud Martins; Lima; Rodrigues, 2022). Dessa maneira, a ausência feminina na universidade era justificada pela incapacidade da mulher de ser racional, diferentemente dos homens trabalhavam pela razão e objetividade.

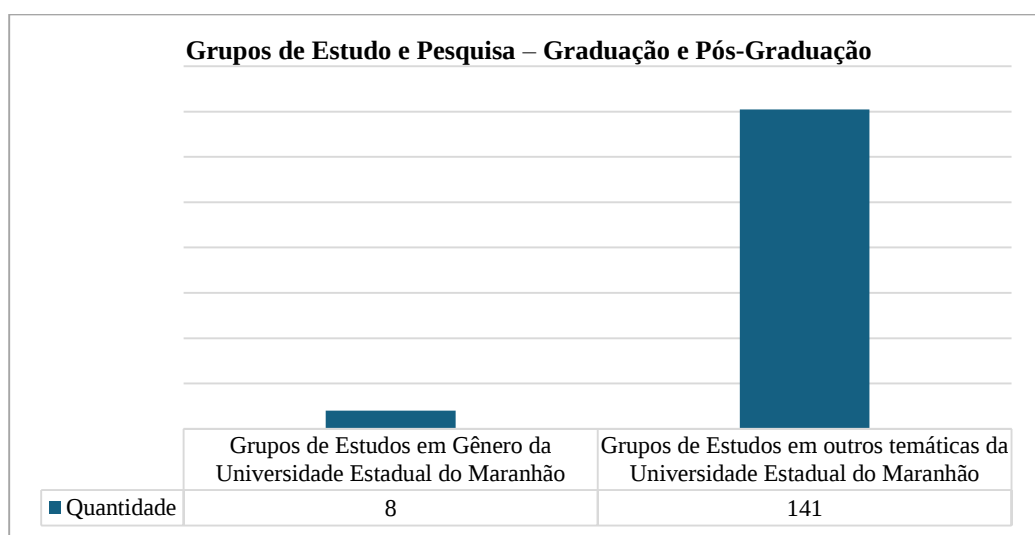
Embora a universidade seja um local de provocações e debates relacionados às desigualdades sociais, racismo e preconceitos, são as que continuam a consolidar instituições normalizadoras e disciplinadoras que durante as suas diversas transformações históricas cederam ao sistema capitalista e ao patriarcado (Martins; Lima; Rodrigues, 2022, p. 350).

Importante ressaltar que as discussões e debates de questões que envolvem as temáticas das relações de gênero, contribuem para a prática e desenvolvimento do conhecimento sobre as diferenças e preconceitos em relação ao sexo (sexismo) nos contextos educacionais. Destaca-se que as universidades devem possibilitar o desenvolvimento do pensamento crítico a partir da compreensão sobre as diferenças de gênero, corporais e sexuais que culturalmente se criam na sociedade, além de ser um importante instrumento na construção de valores e atitudes, que permitam um olhar mais crítico e reflexivo sobre as relações de gênero, identidades de gênero e sexual. Desta forma, acredita-se que a criação de grupos de estudos e pesquisa relacionado a gênero abre um campo de discussão e construção de conhecimento que poderá possibilitar a mudança desta realidade desigual e constituída de preconceitos da nossa sociedade patriarcal.



Conforme apresentado no gráfico 3, a UEMA dispõe de 149 grupos de cunho científico, divididos entre estudos e pesquisas. As temáticas dos grupos são diversificadas, compreendidas em áreas de conhecimento, como: ciências agrárias, ciências biológicas, ciências humanas, ciências sociais aplicadas, ciências da saúde, ciências exatas e da terra e ciências tecnológicas. Todos os grupos são vinculados aos cursos ofertados pela instituição de ensino superior, fornecendo uma gama de saberes. Entretanto, os dados da pesquisa sinalizam que há poucos grupos de estudo voltados para gênero e sexualidade na UEMA — no contexto de graduação e pós-graduação. No total, foram identificados 8 grupos sobre essas temáticas e 141 envolvendo outros assuntos (UEMA, 2024c):

Gráfico 3 – Grupos de estudos e pesquisa da UEMA – graduação e pós-graduação



Fonte: UEMA (2024c).

Vários estudos apontam a existência de uma cultura patriarcal no Brasil (Saffioti, 2015) e como ela estrutura as instituições. As universidades não ficam de fora e são permeadas por esse modo de estruturar as relações sociais. Estudos recentes revelam como essas questões, inclusive, impactam diretamente a produção acadêmica de docentes e discentes (Oliveira *et al*, 2021). Nesse sentido, é



necessário que haja e se mantenham grupos de pesquisa e extensão, com o intuito de promover maiores estudos, debates e intervenções que tragam consigo problematizações, reflexões e discussões pertinentes a questões de gênero e sexualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante os expostos, foi possível compreender que no que se diz respeito ao Gênero e Mulher na Universidade, ainda são uma temática que necessita da busca por uma ciência que seja mais inclusiva e equitativa. Vale ressaltar que mesmo com os avanços que foram significativos nas últimas décadas, as mulheres ainda sofrem inúmeros desafios em seu cotidiano e na academia.

Observou-se que a Universidade ainda possui uma estrutura patriarcal, embora as mulheres sejam majoritárias, estejam presentes em todos os cursos, até naqueles onde os homens são a maioria, as mulheres ainda ocupam um lugar de menos prestígio, sub-representações e por vezes sofrem com a falta de reconhecimento nas suas publicações. Além disso, passam também por muito embates no tocando a maternidade, pois não se pode anular o fato de que as mulheres por vezes são coladas a escolher entre a carreira ou a maternidade, pois ao ponto de vista preconceito não é possível conciliar os dois. Em contrapartida os homens não são alvos dessas críticas e questionamentos o que escancara o preconceito e reflexos do sistema patriarcal ainda enraizados.

No tocante aos estudos de Gênero, a Universidade mostrou-se um espaço aberto para o desenvolvimento das pesquisas em gênero, com produções que questionam as normas e estereótipos, como também é um local que necessita de transformações nas práticas institucionais, nas políticas de inclusão e no desenvolvimento de uma formação acadêmica plural e diversa.

Sendo assim, a Universidade precisa ser um centro de conhecimento, não deve se limitar somente a ser um reflexo da nossa sociedade que é excludente e discriminatória, deve ser um agente de mudança. Dessa forma, é essencial que

PROMOÇÃO



APOIO





continuem investindo na promoção da igualdade de oportunidades e assegurando que as questões de gênero e as lutas das mulheres sejam tratadas como um compromisso necessário para o desenvolvimento de uma ciência mais justa e representativa.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maiara Rosa; BARBOSA, Marcia Cristina; LINDNER, Edson Luiz. **Mulheres na ciência: a busca constante pela representatividade no cenário científico.** In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 12. 2019, Natal. **Anais eletrônicos** [...]. Natal: Abrapec, 2019.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo.** São Paulo: Brasiliense, 2003.

COSTA, R.G. SILVEIRA, C. M. H. . **PATRIARCADO E CAPITALISMO: BINÔMIO DOMINAÇÃO-EXPLORAÇÃO NAS RELAÇÕES DE GÊNERO.** In: IV Seminário Nacional Trabalho e Gênero., 2012, Goiás. Anais do IV Seminário Nacional Trabalho e Gênero, 2012. v. 4.

FERREIRA, Maria Mary; PINTO, Neuzeli Maria de Almeida. Mulheres, classe social e violência de gênero em tempos de pandemia. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 12, n. 2, p. 130-145, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/18072>. Acesso em: 5 jan. 2024.

FECLESC, Nathalia Bezerra. **Mulher e universidade: a longa e difícil luta contra a invisibilidade.** In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE OS SETE SABERES, 2010, Salvador. Anais eletrônicos [...]. Salvador: Unesco; UECE; MPBA, 2010. Disponível em: <https://dspace.sistemas.mpba.mp.br/handle/123456789/806>. Acesso em: 10 jan. 2024

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho.** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

LEAL, Mara De Souza; SILVA, Lucy Leal Melo. **Avaliação dos interesses profissionais de moças e rapazes: as diferenças persistem?** PSICOLOGIA ARGUMENTO. PUCPR. IMPRESSO., v. 38, p. 247-263, 2020.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens.** Trad. Luiza Sella. São Paulo: Cultrix, 2019.

PROMOÇÃO



APOIO





MARTINS, Ana Claudia Lopes; BARROSO, Milena Fernandes; LIMA, Raissa Ribeiro; RODRIGUES, Taysa Cavalcante. **O (não) lugar das mulheres na universidade.** Serviço Social em Revista, v. 25, n. 2, p. 340–360, 2022. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/ssrevista/article/view/46247>. Acesso em: 10 jan. 2025.

OLIVEIRA, Letícia; REICHERT, Fernanda; ZANDONÀ, Eugenia; SOLETTI, Rosana; STANISCUASKI, Fernanda. The 100,000 most influential scientists rank: the underrepresentation of Brazilian women in academia. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, 2021, 93 (Suppl. 3).

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade.** Porto Alegre, vol. 20, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>.

SILVA, Susana Maria Velela da. **Os estudos de gênero no Brasil: algumas considerações. Biblio 3W.** Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales, Barcelona: Universidad de Barcelona, n. 262, 15 nov. 2000. Disponível em: <https://www.ub.edu/geocrit/b3w-262.htm>. Acesso em: 06 jun. 2025.

SILVA, E. de M. S. da & Colares, P. S. Desigualdade de gênero no Brasil: dos processos históricos às expressões contemporâneas. *Revista Ciência & Contemporaneidade*, 2(1), 75-93. (2024).

UEMA abre inscrições para o Programa Primeiros Passos na Ciência. Agência de Notícias – **Estado do Maranhão**, São Luís, 7 ago. 2024a. Disponível em: <https://www.ma.gov.br/noticias/uema-abre-inscricoes-para-o-programa-primeiros-passos-naciencia>. Acesso em: 5 jun. 2024.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Pró-Reitoria de Graduação. **Perfil socioeconômico dos discentes da UEMA.** São Luís: UEMA, 2024b. Disponível em: <https://www.prog.uema.br/perfil-socioeconomico-dos-discentes-da-uema/>. Acesso em: 5 jun. 2024.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. **UEMA pesquisa.** São Luís: UEMA, 2024c. Disponível em: <https://www.ppg.uema.br/uema-pesquisa/>. Acesso em: 5 jun. 2024.